

Uma análise do perfil dos treinadores ex-atletas do futebol profissional brasileiro

João Carlos Pires Fernandes*

UniverCidade

Diego Luz Moura**

UGF

Marcelo Moreira Antunes***

Unicamp

UGF

Rafael Leal de Lima****

UniverCidade

Resumo: O objetivo deste artigo é identificar o perfil dos treinadores ex-atletas da elite do futebol brasileiro. O futebol é um esporte de grande visibilidade e se transformou em um mercado de altas cifras. Este mercado consolidou a profissão de treinador. Entrevistamos 7 treinadores que foram atletas e atualmente se encontram na função de treinadores de futebol em clubes da primeira divisão do futebol brasileiro profissional. A partir daí mapeamos um perfil e construímos algumas reflexões sobre esta profissão que vem sofrendo uma série de ressignificações.

Palavras-chave: Futebol; Treinadores; Ex-atletas.

Abstract: The aim of this paper is to identify the profile of coaches who were the elite athletes of Brazilian football. Football is a sport of high visibility and turned into a business of high numbers. This market has consolidated the coaching profession. We interviewed seven coaches who were athletes and are currently in the function of coaches in football clubs of first division professional soccer in Brazil. From there we map a profile and build some reflections on the profession that has suffered a series of new meanings.

Keywords: Soccer; Coaches; Former athletes.

Introdução

O objetivo deste artigo é identificar o perfil dos treinadores de elite do futebol brasileiro. O futebol se traduz em um dos esportes mais apaixonantes e envolventes do mundo contemporâneo.

* Graduado em Educação Física (UniverCidade)

** Doutor em Educação Física, Docente da Universidade Gama Filho (UGF)

*** Doutor em Educação Física, Docente da Universidade Gama Filho (UGF)

**** Graduado em Educação Física, UniverCidade

O futebol profissional passou a pertencer a um mundo de negócios e investimentos, trazendo consigo números em valores financeiros expressivos. Segundo a revista *Futebofinance* (2009) a transferência de Cristiano Ronaldo, do clube Manchester United (ING) para o Real Madrid (ESP) foi de 80 milhões de libras, (cerca de R\$ 219.000.000,00) em 2009. Seguindo essa linha, começa a existir um mundo de negócios, baseados no alto nível profissional atingido pelo futebol, fazendo com que cada vez mais, diversas negociações de atletas e de treinadores ocorram a cada temporada com cifras cada vez mais significativas.

No caso dos treinadores de futebol foi divulgado pela imprensa desportiva brasileira (ZEROHORA, 2010), uma oferta de R\$ 750 mil mensais aproximados, feita pelo Sport Club Internacional de Porto Alegre ao ex-treinador da seleção brasileira Luiz Felipe Scolari, que a recusou para acertar com a Sociedade Esportiva Palmeiras. Esta valorização do treinador de futebol é uma tendência que se respalda na busca de resultados expressivos por parte dos diferentes times. Estes resultados são necessários à manutenção de patrocínios que sustentem o “negócio futebol”.

A atuação do treinador no futebol brasileiro profissional, passa por questionamentos. É um costume do futebol, que a sequência de jogos com resultados não satisfatórios sejam creditadas ao treinador, culminando em sua demissão. Somente no campeonato brasileiro de futebol série A, 23 técnicos foram demitidos (BRITO, 2010). Dentre as causas, diversos fatores alegados pela direção dos clubes, como incompetência dos mesmos, descontrole emocional e outros (MARTURELLI; OLIVEIRA, 2005).

A figura do treinador de futebol no Brasil, se iniciou de maneira profissional em 1939, com a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil (atual Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Estado do Rio de

Janeiro). Esta escola iniciou a formação de professores de Educação de Física e de técnicos desportivos para as várias modalidades de esportes.

De início, foi visto torcedores, imprensa e dirigentes expondo que ex-jogadores não seriam capazes de serem bons treinadores, afirmando que, apenas o histórico como jogador não seria suficiente para a nova profissão. Contudo, os anos passaram e a afirmação se mostrou falha. Atualmente, a especialização técnica advinda das salas de aulas continua sendo valorizada. Entretanto, é exatamente o contrário, ou seja, se percebe no meio futebolístico a grande incidência de ex-atletas, sem formação acadêmica, na profissão de treinador de futebol. A atuação deste tipo de profissional se insere tanto na formação de jovens atletas nas bases clubes de futebol, quanto no meio profissional.

No Brasil, o exercício da profissão de Treinador de Futebol tem gerado tensão e conflito entre a categoria através de suas entidades, Associações e Sindicatos e o Sistema CONFED/CREFS, Conselho Federal de Educação Física/Conselhos Regionais de Educação Física (PEREZ, 2009).

Cada vez mais, ex-jogadores têm seguido na carreira de treinador no Brasil. Muitos afirmam que essa carreira é uma forma de se manter perto do esporte. Outro caminho que começa a ocorrer é a entrada no meio jornalístico, como comentaristas esportivo em redes de televisão (BRITO, 2011).

Essa questão pode ser descrita no futebol brasileiro, talvez pelo fato da falta de oportunidades de capacitação escolar durante o tempo investido na formação de jogadores. Tendo visto que, o futebol brasileiro é uma agência que recruta jovens do sexo masculino, geralmente de camadas populares, que dá base para uma indústria, que concorre diretamente com a escolarização básica, de captação de jovens aspirantes ao mercado profissional (MELO, 2010).

Desde o curso de treinadores pela UFRJ em 1939, e com a popularização do futebol no país, essa profissão se mostrou mais importante, a ponto destes profissionais também

receberem gratificações em cifras mais altas, características do “mundo dos negócios” que o futebol se tornou. Eles passaram a ganhar um perfil de acordo com seu jeito de trabalhar. Disciplinador, paterno, rígido, estrategista, são alguns adjetivos criados a respeito dos técnicos (MARTURELLI; OLIVEIRA, 2005). Desta forma, podemos perceber que há diferentes percepções sobre o papel do treinador de futebol.

Metodologia

Realizamos uma pesquisa de campo com entrevistas semi estruturadas. Em um primeiro momento entramos em contato com todos os técnicos profissionais da primeira divisão do campeonato brasileiro de 2011. Naquele ano atuaram 20, mas apenas 7 se disponibilizaram para a pesquisa. O critério de inclusão era ter sido atleta profissional de futebol antes de ser tornar treinador. Porém, naquele ano todos os treinadores da equipe se encaixavam neste perfil.

A identidade dos técnicos foi preservada por questões éticas bem como por solicitação dos mesmos. Todos os procedimentos da presente pesquisa seguiram as recomendações da Resolução CEP nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Resultados e discussão

Os resultados foram divididos em três blocos: dados pessoais, fase atleta e fase treinador. Estas categorias foram separadas para destacar o processo de formação dos treinadores que começou ainda na sua fase de atletas de futebol profissional. Em seguida apresentamos os dados referentes a fase de treinador de futebol.

Os dados identificam três faixa-etárias para os sete treinadores de futebol entrevistados, são elas: de 40 a 49 anos (14,3%), de 50 a 59 anos (57,1%) e de 60 anos em diante (28,6%). Podemos observar que os treinadores começam a atuar nesta profissão após

os quarenta anos, idade que é ainda considerada como muito jovem para uma função que mantém treinadores em atividade até a faixa dos sessenta ou até setenta anos.

Tabela 1 – escolaridade dos treinadores entrevistados.

Escolaridade	Situação	Ocorrência
Ensino Superior	Incompleto	1
	Completo	5
Ensino Médio	Completo	1

Podemos observar que, embora ainda não seja uma totalidade, a maior parte dos treinadores tem procurado uma formação acadêmica. Boa parte dos treinadores brasileiros de elite, na atualidade, acumularam horas de estudo, seja em cursos de graduação (Educação Física), ou cursos específicos. O sucesso de vários treinadores com algum tipo de formação, o mercado competitivo e a legislação desportiva, como veremos mais adiante, são fatores propulsores desta procura pelas salas de aula.

Fase Atleta

Inicialmente perguntamos aos treinadores sobre a experiência de ter sido um atleta de futebol. As respostas dos treinadores incidiram uma relação da profissão com um dom divino, como é exemplificado pelo informante 1: “Foi um dom. Meu brinquedo e de meus irmãos sempre foi uma bola nos campos de várzea”.

Podemos observar que os ex-atletas de futebol entendem esta profissão como fruto de uma experiência gratificante iniciada através de um dom na busca da realização de um sonho que poderia ser tangível.

Damo (2007) analisando o processo seletivo para profissionalização no Brasil e na França confirmou que o processo de profissionalização no futebol é um mercado restrito. Este

autor relata os dramas que se desenrolam cotidianamente, em especial em países fornecedores do que chama de “pés-de-obra”. Uma das principais contribuições deste autor está relacionada com a concepção de “dom” que os jogadores brasileiros possuem ao se referir ao seu “talento natural” como se fosse herdado por Deus. Desta forma, o “dom” de ser jogador de futebol age como um chamado místico. Em nossos dados podemos observar afirmações semelhantes, pois nossos informantes apontam que possuem o tal dom que deveria ser colocado em prática.

No que se refere às dificuldades de se tornar jogador de futebol, os treinadores apontam como principais dificuldades as questões financeiras. Outro dado presente em todas as respostas foi o apoio incondicional da família: “Vencer dentro do Madureira, clube que me formou. Tive total apoio da família” (Informante 1). “Não tive grandes dificuldades, o maior problema foi o transporte, pois iniciei no esporte com doze anos. Minha família me apoiou em toda a minha trajetória no esporte” (informante 3).

Podemos observar, que as dificuldades são concentradas em aspectos técnicos decorrentes da grande procura por esta profissão, em aspectos políticos decorrentes dos conflitos de interesses internos aos clubes e também, em questões financeiras, em função do nível social de cada jovem atleta. Contudo, um aspecto parece ser comum, independentemente da classe social: o apoio da família.

No Brasil, as crianças são integralmente engajadas em investimentos que visam à profissionalização, secundarizando-se ou simplesmente abandonando os investimentos escolares, quando há indícios do ‘dom’ (DAMO, 2007).

As análises de Souza *et al* (2008) sugerem que encaminhar um menino na carreira de futebolista profissional, principalmente nas camadas populares, é um projeto familiar. Além disso, o processo de seleção e treinamento dos novos talentos não mais dispensa a inserção dos jovens escolhidos em sistemas rígidos de treinamentos em clubes ou escolinhas. Os

autores apontam que o capital adquirido nos treinamentos é de difícil reconversão no caso de uma profissionalização frustrada ou ainda no momento da aposentaria do jogador profissional. Esse quadro demonstra que a escolha da profissão oferece inúmeros riscos para aqueles que se aventuram em conquistá-la. Portanto, podemos perceber que o projeto familiar de profissionalização no futebol é um investimento de alto risco.

Os treinadores que participaram desta pesquisa conseguiram reconverter¹ o “capital de jogador” para continuar, agora como treinador, a desenvolver atividades no “mundo do futebol”. Eles fazem parte de uma minoria que atingiu esta marca, pois não encontramos estudos que nos indiquem índices confiáveis a esse respeito. Pela quantidade de jogadores profissionais registrados em todo o mundo, cerca de 265 milhões segundo um levantamento da FIFA (Federação Internacional de Futebol Associados) em 2010, alguns atletas que iniciam a carreira desportiva, encurtam a mesma por diferentes motivos, entre elas, lesões, falta de oportunidade em clubes, problemas familiares, financeiros, desestímulo e outros. Não significando, em alguns casos que os mesmos não obtiveram êxito na profissão. Um exemplo disso é, como o holandês Van Basten, que jogou durante 18 anos, encerrou a sua carreira aos 30 anos de idade, por conta de uma lesão no tornozelo², que no futebol profissional é uma idade prematura para aposentadoria. Entretanto, nesse desporto alguns poucos são os que conseguem fazer a transição ao final de suas carreiras como jogador, para outra carreira desportiva, como a de treinador de futebol ou comentarista esportivo.

Os dados mostram, a respeito da carreira destes treinadores entrevistados, que todos tiveram passagens por vários clubes dentro e fora do país. Esses indicativos apontaram que a carreira do jogador de futebol está deixando de ser, ao longo do tempo, uma carreira fiel a

¹ O conceito de reconversão se encontra em Bourdieu (1999) quando analisa que os indivíduos podem transferir um capital simbólico para outros estados.

² Ver FIFA.com. Carreiras efêmeras, ídolos eternos. 2011, Zurich, **Anais eletrônicos...** Disponível em <http://pt.touch.fifa.com/worldfootball/news/newsid=1450639.html>. Acesso em 29 de jan. 2012.

uma só camisa, passando a ser tratada como um negócio que, para tal, necessita de várias transferências interclubes. Em 2010, foi verificado um aumento significativo de transferências de atletas tanto dentro do Brasil quanto para o exterior. Segundo dados de transferência de jogadores da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), em 2010 ocorreu um aumento de transferência de atletas entre clubes nacionais e internacionais e a necessidade de obtenção de maiores salários, nesse “mundo de negócios” do futebol (RODRIGUES, 2010). Isso reafirma o ponto dos entrevistados ao que se refere à passagem de vários destes entrevistados pelo exterior.

Quando questionados sobre a posição em campo que jogavam, as respostas são as mais diversas. O que mostra que não há uma tendência relacionada à posição desempenhada pelo ex-atleta para que o mesmo venha a ser um treinador. Essa aptidão pela profissão Treinador de futebol, transcende a posição a qual ele desempenhou em campo, parecendo estar mais atrelada a outras competências, como por exemplo, o conhecimento sobre o futebol, espírito de liderança, inteligência técnica e tática, facilidade em transmitir conhecimento, entre outros.

O tempo de duração da carreira de jogador de futebol, desses treinadores está distribuída da seguinte forma: 4 entre 20 a 25 anos, 3 entre 15 e 19 anos e 1 com 6 anos. Podemos observar carreiras relativamente longas para meio do futebol, o que nos leva a concluir que quanto mais tempo se passa em campo, mais enraizado e dependente do meio o atleta se torna. Este fato pode ainda contribuir para um maior tempo de maturação da idéia da continuidade do trabalho no futebol, após a aposentadoria do atleta. E, mais ainda, parece que este período de vivência pode ser um capital simbólico que possibilitaria uma reconversão, conforme argumentamos anteriormente.

Questionamos se quando atleta preferiam treinadores ex-atletas? Podemos observar que as opiniões são bastante conflitantes. Contudo, temos dois pontos a destacar: nenhum comentário foi feito quanto à preferência por treinadores que não foram ex-atletas. E, aqueles que entendem que o ex-atleta tem melhores condições de exercer a profissão de treinador, o fazem de maneira muito contundente como o informante 5: “Sim, porque é muito difícil para quem não sabe chutar uma bola, querer ensinar ou corrigir alguém”. De fato, o ensino está ligado a um conhecimento prévio por parte de quem é responsável pela tarefa de ensinar, mas os informantes, na tentativa de convencimento polarizam a argumentação generalizando que todos os profissionais formados não teriam tal conhecimento.

Perguntamos sobre como era a sua relação com os treinadores? E se havia algum tipo de diferença na relação entre treinadores ex-jogadores e treinadores que não foram ex-atletas. Todos os entrevistados responderam não ter observado diferença na relação interpessoal com treinadores ex-atletas ou treinadores que possuíam somente formação acadêmica. De forma geral afirmam que este tema está intimamente relacionado a características pessoais que independem da experiência anterior ou de formação acadêmica.

Ainda discutindo à fase de atleta, perguntamos como e quando nasceu a idéia de ser um treinador de futebol. Verificamos que a profissão treinador de futebol é uma forma encontrada por ex-atletas em se manter ativos no meio no qual se desenvolveram, como podemos verificar nas respostas a seguir: “por ser uma continuidade da minha profissão” (informante 4), “Eu vi esta oportunidade como uma continuidade profissional natural na minha vida” (informante oito).

Podemos perceber, que há uma tendência de que alguns atletas quando encerram a carreira tentam buscar outro meio de vida, mas acabam retornando ao que podemos chamar de “mundo futebolístico”. Temos que considerar ainda a idade física na qual as carreiras de

atletas de futebol normalmente se encerram: entre trinta e quatro e quarenta anos, o que possibilita um período de se continuar trabalhando, já que esta faixa de idade é muito prematura para uma aposentadoria completa, quando comparado com os trabalhadores convencionais.

Fase Treinador

Ao relatar suas experiências como treinador, podemos observar que a experiência como treinador de categorias de base não é tão extensa no currículo destes informantes. Este fato se explica em função da idade com a qual os treinadores (ex-atletas) iniciam sua profissão (aproximadamente com quarenta anos). Levanta-se assim, uma questão interessante: a experiência de campo do ex-atleta (vantagem fortemente destacada por aqueles que entendem que o treinador deva ter jogado futebol profissionalmente no passado) demanda a este tipo de profissional uma menor experiência no desempenho da função de treinador ou de auxiliar técnico. Existe, assim, a tendência de que treinadores academicamente formados, que não jogaram futebol profissional, tenham um maior tempo de experiência na profissão, notadamente nas categorias de base. O prestígio alcançado por ex-atletas parece favorecê-los no momento da escolha por um treinador.

Perguntamos em quantos e em quais clubes ele treinou a categoria profissional. E confirmamos que a exemplo do que ocorre com atletas, uma característica marcante do futebol brasileiro é a alta rotatividade dos treinadores pelos clubes de futebol. Outro ponto importante a destacar é a experiência internacional de alguns destes treinadores, fato ligado ao “nome do jogador”, ou seja, o prestígio do ex-atleta contribui muito no momento da escolha de um treinador, principalmente para países do Oriente Médio, da África e de outras regiões onde o futebol praticado não está no primeiro nível do futebol mundial.

Quando atletas, era comum a saída de jogadores para o exterior, em específico na Europa, onde se concentra os clubes mais ricos do mundo segundo a FIFA. Dessa forma, surge o interesse nos clubes europeus em contratar de outros países. Isso refletiu no Brasil, local onde surgem a cada ano muitos jovens com talentos na visão dos dirigentes, o que ocasiona a busca e a compra dos melhores jogadores brasileiros. Segundo Alvito (2006), o futebol é agora uma indústria de muitos bilhões de libras.

Os treinadores que conseguem prestígio internacional, somado a falta de um bom trabalho de base nestes países é um facilitador para que obtenha espaço neste mercado de trabalho, visto que existe a ideia de que o jogador de futebol brasileiro é qualificado e, assim sendo, pode ensinar os conceitos básicos (fundamentos) deste esporte. Seria algo como acelerar o processo de aprendizado ou de minimizar as prováveis deficiências daqueles que não tiveram uma estrutura adequada quando da iniciação ao esporte.

Perguntamos aos treinadores: De que forma aproveita sua experiência de ex-atleta para a função de treinador? Quais as principais vantagens que o fato de ser ex-atleta lhe dá na execução da função de treinador? A maioria apontou como o principal legado para o bom desenvolvimento da sua nova função de treinador aspectos sócio-afetivos: “Creio que aprendi como tratar as instabilidades emocionais do jogador. Aprendi também a hora certa de ‘explodir’, ou seja, repreender com veemência para tirar o jogador da ‘zona de conforto’” (Informante 5), “Já ter vivenciado as situações que os jogadores estão passando, saber a hora certa de chamar a atenção de um atleta, falar pessoalmente com os atletas e conversar com eles na hora de entrar em jogo” (informante 3) e “Entender melhor o atleta por já ter passado por esta etapa. Falo a linguagem deles” (informante 7).

Talvez não fosse esta a expectativa para as respostas de treinadores que atuaram como atletas no futebol profissional. Inicialmente, esperávamos que os treinadores fossem apontar

os aspectos técnicos como diferencial, mas verificamos que os treinadores assumem uma postura paternal em relação aos jogadores. Destacam a experiência de ter vivenciado situações que somente quem esteve em campo conhece.

Questionamos se achavam que todo treinador de futebol deveria ser um ex-atleta. Esperávamos que ampla maioria apontasse a experiência prática como elemento fundamental para se exercer a profissão de treinador de futebol. Entretanto, O resultado foi exatamente oposto, ou seja, mesmo os ex-atletas não definem como premissa para o treinador o fato de ter sido jogador de futebol. Deve-se contudo, considerar que a ampla maioria destes treinadores entrevistados já possuem algum tipo de formação acadêmica. Apenas o treinador que não possui formação acadêmica em educação física respondeu que todo treinador deveria ser um ex-atleta. Provavelmente este treinador esteja se respaldando naquilo que entende como sua principal competência (que neste caso também pode ser entendido como marketing pessoal ou, em última análise, como uma autodefesa) o fato de ser um ex-atleta.

Esta pergunta, sem dúvida, nos auxilia a iniciar a definição daquilo que poderíamos traçar como o perfil ideal do treinador de futebol. Então, questionamos: “Na sua opinião o que falta ao treinador que foi ex-jogador?” Os treinadores apontaram a necessidade de aquisição de conteúdos teóricos, como: “Um pouco mais de didática principalmente com jogadores da base” (Informante 2) e “Em alguns casos um pouco mais de embasamento teórico” (informante 4).

Podemos observar o reconhecimento destes profissionais para a necessidade de se estudar, mais uma vez nos indicando que a prática do ex-atleta é importante mas não basta por si só. Nesta questão foram destacados aspectos como didática e psicologia, além da necessidade de conhecimentos científicos na área da Educação Física e, ainda na mesma direção, comentários referentes a cultura geral e atualização diária também foram destacados.

Em suma, fica caracterizado que só a experiência de atleta não é mais suficiente nos dias de hoje, na medida em que o próprio mercado de trabalho impõe novas exigências de modo a regulamentar o nível de excelência destes profissionais.

Em relação a pergunta “E o que falta ao treinador que não foi um ex-atleta?” os informantes responderam, como se segue: “Mostrar como se faz e experiência dentro de campo para ‘sentir’ o jogo” (informante 1), “Vivenciar na prática as diferentes situações de um jogo” (informante 3), “A própria prática das experiências que um ex-jogador possui” (informante 4) e “Procurar entender a linguagem e o dia a dia do jogador” (informante 7).

Podemos observar, como era de se esperar, a importância atribuída a experiência de campo, nos aspectos técnicos ou emocionais envolvidos na competição, conforme já apresentado anteriormente. Podemos observar alguns paradoxos: os informantes apontam que falta o “saber fazer” aos treinadores que não foram ex-atletas, faltam aspectos táticos aos que não tiveram a experiência dentro de campo. Mas os mesmos treinadores ex-atletas, apontam que seu grande diferencial não são os aspectos técnicos e sim a capacidade de entender os jogadores.

Perguntamos aos treinadores se já fizeram algum curso de treinador. Estes responderam que já fizeram algum curso. Podemos observar que todos se aperfeiçoaram.

Considerações finais

Pudemos perceber características que nos permitem traçar um perfil e levantar outras reflexões sobre os treinadores de futebol profissional. Os entrevistados entendem esta profissão como fruto de uma experiência gratificante, iniciada através de um “dom”. No Brasil, a profissionalização no futebol é um projeto familiar. As crianças, que participam desse projeto, são integralmente engajadas em investimentos que visam à profissionalização

em detrimento aos escolares, quando há indícios do “dom”. Todos os treinadores revelaram que tiveram apoio incondicional da família durante a formação como jogador.

Para aqueles que conseguem alcançar e desenvolver a carreira de atleta de futebol, a profissão de treinador é uma das formas encontradas para se manter no meio esportivo.

O fato de haver maior número de ex-atletas desempenhando a profissão de treinador de futebol está relacionado com o capital simbólico acumulado na época de atleta. Podemos verificar que estes profissionais buscam investir em estudos, seja para ganhar destaque neste mercado, seja para atender a legislação vigente.

Apenas a experiência de atleta não é mais suficiente para sucesso do treinador, na medida em que o próprio mercado de trabalho impõe as novas exigências do mundo globalizado, regulamentando o nível de excelência destes profissionais. Por outro lado, o sucesso no Brasil de treinadores ex-atletas está fortemente relacionado com o prestígio alcançado pelos mesmos no passado, o que por muitas vezes propicia a “abertura de portas” para uma iniciação da função treinador em clubes nos quais jogaram recentemente. Contudo, parece que estes profissionais já começam a ter o entendimento de que há a necessidade de evoluir através da captação de conhecimentos multidisciplinares inerentes a profissão.

Referências

ALVITO, Marcos. A parte que te cabe neste latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização. *Análise Social*, Lisboa, vol. 41, pp 16-17, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2.ed. 1999.

BRITO, Marcondes. Luxa caiu. Luxa está decadente. 2010, São Paulo, *Anais eletrônicos...*

Disponível em: <http://blogs.band.com.br/marcondesbrito/2010/09/24/luxa-caiu-luxa-esta->

decadente. Acesso em 29 de janeiro de 2012.

BRITO, Marcondes. Técnico e comentarista precisam ser ex-jogador? 2011, São Paulo. Disponível em: <http://blogs.band.com.br/marcondesbrito/2011/10/07/tecnico-e-comentarista-precisa-ser-ex-jogador>. Acesso em 29 de janeiro de 2012.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec, 2007.

FIFA.com. Carreiras efêmeras, ídolos eternos. 2011, Zurich. Disponível em <http://pt.fifa.com/newscentre/features/news/newsid=1450639/index.html>. Acesso em 29 de jan. 2012.

FUTEBOLfinance. Cristiano Ronaldo, Real Madrid – A maior transferência do mundo. 2009, Lisboa. Disponível em <http://www.futebolfinance.com/cristiano-ronaldo-real-madrid-a-maior-transferencia-do-mundo>. Acesso em 29 de jan. 2012.

MARTURELLI, Mauro Júnior; OLIVEIRA, Aurélio Luiz de. Treinadores de futebol de alto nível: as evidentes dificuldades que cercam a produtividade destes profissionais. *IX Simpósio Internacional Processo Civilizador*, Ponta Grossa, 2005.

MELO, Leonardo Bernardes Silva de. Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro. 72f. (Dissertação de Mestrado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

PEREZ, Humberto. Treinador de futebol: estudo sobre a formação e exercício da profissão em Argentina, Bélgica, Chile, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Portugal, Suíça e Brasil. Educador ou treinador?, 2009, Belo Horizonte. Disponível em: http://www.aribianchi.com.br/pdf/Estudo_de_formacao_de_treinadores.pdf. Acesso em 20 nov. 2010.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. O fim do passe e as transferências de jogadores

brasileiros em uma época de globalização. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 24 p. 357-362, 2010.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de; VAZ, Alexandre Fernandez; BARTHOLO, Tiago Lisboa; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. Dificil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v.14, n.30, p. 85-11, 2008.

ZEROHORA, Inter acena com R\$ 720 mil para Felipão. 2010, Porto Alegre. Disponível em <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/inter/noticia/2010/06/inter-acena-com-r-720-mil-para-felipao-2932220.html>. Acesso em 02 de fev. 2012.